

O DIÁLOGO ENTRE PAULO FREIRE E A ECO PEDAGOGIA

Eixo temático: 11 - Educação Ambiental

Modalidade: Produção textual

Géssica Camargo Müller¹

Marcia Helena Koboldt Cavalcante²

RESUMO

O presente estudo faz parte de uma monografia de curso que investiga a maneira com que a educação não formal contribui para a formação da consciência ambiental de crianças e jovens do município de Três Coroas. A escolha do tema deu-se pela necessidade de refletir acerca da relação atual entre Homem e natureza, e acreditando em processos educativos não formais. É importante para educação pensar na formação de cidadãos conscientes do seu papel no mundo, das suas responsabilidades pelas marcas que deixam e com os imensos impactos ambientais, que vem destruindo a Terra. Tendo como base as contribuições de Paulo Freire relacionadas aos problemas ambientais, à formação da consciência ambiental e a eco formação. Pensar em uma pedagogia ecológica é de imediato pensar na ação do Homem com o mundo. Uma relação que deve ser transformada para que o estar no mundo não acabe prejudicando de forma irreversível o mundo natural, tal qual, o conhecemos hoje.

Palavras-chave: Educação não formal. Paulo Freire. Ecopedagogia. Conscientização ambiental.

¹ Acadêmica do curso de Pedagogia das Faculdades Integradas de Taquara/RS. muller.gessica@gmail.com

² Professora orientadora, integrante do GENPEX – Grupo de ensino, pesquisa e extensão em Educação Popular da Universidade de Brasília – UNB. cavalcantemarcia@hotmail.com

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nas obras de Paulo Freire há um ponto central que conceitua de educação transformadora, uma educação que liberta e que nega qualquer tipo de alienação. Ser capaz de compreender o mundo, partindo da própria realidade, faz parte da luta de muitos que acreditam na educação social, que colocam na prática da “amorosidade” o comprometimento com uma educação autônoma. Em Freire (1997 ed. 2011, p.55), encontramos:

É fundamental, contudo, partirmos de que o homem, ser de relações e não só de contatos, não apenas está no mundo, mas com o mundo. Estar no mundo resulta de sua abertura à realidade, que o faz ser o ente de relações que é.

De acordo com Freire (1921-1997³) ao passo que podemos refletir sobre a realidade é possível criar hipóteses que busquem a mudança necessária, para que os sonhos não sejam apenas utopias de vida, mas exemplos de práticas edificadoras. Somente a partir da reflexão e das hipóteses levantadas, é que a consciência crítica juntamente com a educação pode transformar a realidade.

Partindo da necessidade de comprometimento com o mundo, pensar na esfera educativa como promotora de práticas e problematizações no âmbito de conscientização ambiental é fundamental na articulação com problemas ambientais que estamos vivendo. Nas últimas décadas a degradação ambiental, o consumo insustentável, a má utilização dos recursos naturais vem causando impactos da ação do homem sobre a natureza muitas vezes irreversível. Em suas reflexões, Freire também se preocupava com a mediação entre natureza e cultura, como podemos confirmar:

E nos pareceu que a primeira dimensão desse novo conteúdo com que ajudaríamos o analfabeto, antes ainda de iniciar sua alfabetização (...) seria o conceito antropológico de cultura, isto é, a distinção entre estes dois mundos: o da natureza e o da cultura; o papel ativo do homem na sua realidade e com a sua realidade; o sentido de mediação que tem a natureza para as relações e a comunicação do homem; a cultura como o acréscimo que o homem faz ao mundo que não criou; a cultura como resultado do seu trabalho, de seu esforço criador e recriador. (FREIRE 1981, *apud* CARVALHO 2008)

³ 34. ed. rev. e atual, 2011.

2 O PENSAMENTO FREIRIANO E A VIDA SUSTENTÁVEL

É sabido que as atitudes humanas interferem - direta ou indiretamente – nos ecossistemas da Terra. Na medida em que se chega a esta constatação podemos analisar de que forma essa relação está acontecendo hoje, e quais as consequências disso para o futuro.

Mas afinal, o que é uma vida sustentável? Podemos encontrar inúmeras obras que buscam responder essa pergunta, em qualquer lugar do mundo, em qualquer cultura, etnia ou crença é possível refletir sobre ela e promover ações com o mesmo intuito: relacionar-se com todos os ecossistemas, de forma que não haja desequilíbrio ecológico.

Em uma de suas obras Freire (2011, 34 ed., p.38) nos diz:

O homem tende a captar uma realidade, fazendo-a objeto de seus conhecimentos. Assume a postura de um sujeito cognoscente de um objeto cognoscível. Isto é próprio de todos os homens e não privilégio de alguns (por isso a consciência reflexiva deve ser estimulada: conseguir que o educando reflita sobre sua própria realidade).

Os textos freireanos nos provocam a refletir a práxis educativa, e a direção temática que relacionamos o autor neste momento é para reinventá-lo, reinterpretá-lo e articulá-lo à educação ambiental. Dessa forma a contextualização de suas obras levam em consideração a relação homem/mundo sem absolutizá-lo, mas dialogando com outros autores e confrontando suas ideias. O contexto de educação ambiental então surge como um tema emergente que não poderia ficar de fora do referencial dos pensamentos de Paulo Freire.

Para que possamos ir a fundo nessa questão é necessário abrir mão de pensamentos capitalistas que estimulam o consumo desenfreado, deixar de pensar no desenvolvimento destrutivo e incontrolável, para entrar no campo do pensamento crítico e na consciência de que todos fazemos parte e somos responsáveis pelo planeta. Dentre as diversas crises que encontramos no século XXI, entre elas a política e econômica, devemos atentar para a crise ecológica. Nessa perspectiva nasce um movimento dentro do campo educativo, em que a consciência ecológica é um processo permanente e natural, para que as ameaças de destruição ambiental possam ser minimizadas e o desenvolvimento sustentável exista de fato.

A sensação agora é que nos encontramos “sem tempo” para as coisas da vida e muito menos para nos envolvermos na superação dos problemas ambientais atuais, e os que ainda estão por vir. Se nos perguntarmos quais problemas vivemos hoje, podemos concluir: efeito estufa, poluição das águas, do solo e do ar, desmatamento em larga escala, extinção de animais, problemas com destinação de resíduos, fome, pobreza extrema, desnutrição e por ai vai. Essa suposta “falta de tempo” implica em não compreender a importância de partir à prática, sair do campo das ideias e colocar na ação, o desenvolvimento humano precisa partir da educação para atingir as relações.

Conforme, “[...] Costuma-se definir uma comunidade sustentável como aquela capaz de satisfazer as suas necessidades e aspirações sem diminuir as chances das gerações futuras” (CAPRA, 2006, p.13). Essa definição pode ser inclusive norteadora às ações de educação ambiental, visto que o intuito é ir além de uma disciplina letiva, mas uma formação para a vida e de cooperação coletiva.

Repensando as relações e a evolução do pensamento ambiental Carvalho (2008, p.37) afirma:

A visão socioambiental orienta-se por uma racionalidade complexa e interdisciplinar e pensa o meio ambiente não como sinônimo de natureza intocada, mas como um campo de interações entre a cultura, a sociedade e a base física e biológica dos processos vitais, no qual todos os termos dessa relação se modificam dinâmica e mutuamente.

Dessa forma está em nossas mãos e das gerações futuras a construção de soluções para os problemas que estamos enfrentando. O planeta teria recursos naturais para manter todos os seus habitantes se não fosse o desmatamento, a poluição e demais rompimentos e degradações ambientais que o homem causa na Terra. É necessário que os problemas globais sejam aproximados dos problemas locais, para que de uma forma ou outra a sociedade perceba as pequenas e grandes mudanças atitudinais que podem ajudar no desenvolvimento sustentável.

A mudança imediata deve partir do Homem, este deve primar por uma visão holística e princípios espirituais, que o ajudarão a ressignificar sua prática, dentro de uma perspectiva planetária. Por muito tempo a busca por crescimento econômico, no qual gira essa sociedade capitalista em que nos encontramos, vem gerando um empobrecimento ambiental e causando danos irreversíveis. Tomamos como exemplo as espécies que foram extintas do nosso Planeta, não poderemos reverter

inúmeros danos já causados, mas poderemos sim, evitar que essas atitudes continuem passando 'despercebidas' aos olhos da sociedade, afinal, queremos um lugar para morar que seja bom para nós e para as gerações futuras.

Tendo em vista que, educar é conduzir ou organizar o pensamento (MORRIN, 2000 *apud* GUEVARA, *et.al*, 2011), busca-se uma educação que desenvolva o pensamento crítico, considerando a organização do pensamento seja ponto de partida para a mudança. Logo, a reforma do pensamento Humano está intrinsecamente ligada às reformas educacionais, mas não como a educação sendo a única solução para tudo, mas como diria Freire "Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda" (2000, p.31).

Na literatura de Freire, muito se fala sobre a relação homem-mundo, e ao construirmos por base a relação interdependente entre homem-natureza, concretizamos sua contribuição para a superação do antropocentrismo atual. Ou seja, não há como falar em sociedades humanas, sem englobar mundo/natureza. O inacabamento do Homem permite pensar em processos permanentes de educação em busca do 'ser mais' e não 'ter mais'.

Nessa mesma perspectiva acredita-se em uma práxis-dialógica que perpassa todas as relações de tomada de consciência, problematizando o local e o global, inquietando, movendo a humanidade a superar a incapacidade de lidar com a sustentabilidade. Podemos aprofundar o tripé da sustentabilidade conhecido por: econômico, social e ambiental, e dizer ainda mais, conforme Guevara e Dib (2011, p. 28):

A educação para a sustentabilidade passa a ser então um grande movimento ético e histórico de transformação do pensamento e das atitudes do homem contemporâneo, diante da ameaça de destruição global, e em busca de um desenvolvimento sustentável que satisfaça as demandas do presente vislumbrando um futuro melhor.

É sabido que tais mudanças não acontecerão de um dia para o outro, que esse processo de transição de paradigmas pode demorar anos, mas, com a urgência que a nossa Terra clama por socorro a ação tem que iniciar, atingir o maior números de adeptos a esse novo comportamento cultural.

2.1. A Ecopedagogia

A pedagogia ecológica, também conhecida como ecopedagogia, busca aproximar das escolas conceitos ambientais e sustentáveis visando à sustentação de uma comunidade ecológica. Porém não é uma pedagogia restrita às escolas, espalha-se para ações educativas em geral, procurando construir de forma pedagógica métodos e processos que possam alertar desde cedo, crianças e jovens, sobre os comportamentos relativos à natureza.

Em essência respeita o mundo natural, sabe das consequências que afetam a qualidade de vida e dos perigos que a degradação ambiental vem causando. Movimenta-se em torno da conscientização e da educação com sentido no cotidiano das pessoas. O conceito Ecopedagogia foi criado por Francisco Gutiérrez no início da década de 1990, intrinsecamente relacionado aos princípios da Carta da Terra⁴. Nesse contexto de valores, princípios e atitudes a ecopedagogia nos convida a perceber a Terra como uma comunidade única, e que nos permite viver de forma democrática nesse planeta juntamente com outros seres do ecossistema.

São princípios da Carta Terra:

- 1) Respeitar a Terra e a vida em toda sua diversidade;
- 2) Cuidar da comunidade da vida com compreensão, compaixão e amor;
- 3) Construir sociedades democráticas que sejam justas, participativas, sustentáveis e pacíficas;
- 4) Garantir as dádivas e a beleza da Terra para as atuais e as futuras gerações.

É válido citar também três conceitos que se inter-relacionam conforme Gutiérrez e Prado (2013, 3ªed): *ecologia profunda, pedagogia como promoção de aprendizagens e planetaeridade*.

A pedagogia profunda deixa de lado o ego pessoal e acredita na igualdade entre os seres, sem distinção. Pensando em comunidades alfabetizadas ecologicamente que consigam recriar a sustentabilidade. Quando nos questionamos sobre como podemos alcançar essa perspectiva somos instigados a pensar através do espiritual, ético, existencial e epistemológico.

Também pode ser considerada uma teoria da educação utópica por pensar mudanças estruturais na economia, na sociedade e na cultura. Dessa maneira não

⁴ Texto disponível em:
<http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf>

trabalha somente a preservação natural ou um ponto de vista ecológico, mas encara a devastação ambiental como base de uma ecoformação. Dessa forma temos a opção de continuar nesse crescimento capitalista devastador, acabando com os recursos naturais e extinguindo espécies, ou, buscar uma mudança radical no modo de viver e pensar dos homens e mulheres.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a época atual, faz-se necessário uma formação que incorpore mudanças nos currículos educacionais formais e não formais, reorganização da visão de mundo e a visão unificadora entre o planeta e a sociedade mundial. Somente esse conceito de “visão planetária” pode educar o ser humano para que perceba a importância da nossa casa, que é única e pode acabar sendo destruída por seus próprios habitantes. Sobre isso lemos que “[...] a planetariedade deve nos levar a sentir e viver nossa cotidianidade em relação harmônica com os outros seres do planeta Terra” (GUTIÉRREZ, 2013, p. 39).

A mudança começa a partir da reeducação das pessoas e também da reeducação do sistema de educação, não permitindo princípios e valores insustentáveis e predatórios. Prioriza-se a introdução da cultura sustentável e da paz nas comunidades escolares, e não somente nelas, mas também em toda forma de educação e reflexão. As teorias da Ecopedagogia, da Pedagogia da Terra, a Pedagogia da Sustentabilidade, a Educação Ambiental e a Educação para a Cidadania Planetária podem servir como referencial teórico nesse novo desafio do século XXI.

O diálogo entre Freire e os ideias de formação ecológica, caminham juntos ao compreender a interdependência Homem e mundo natural. Somos uma grande família, que habitam um Planeta, este por sua vez precisa da relação íntima entre seus habitantes. Pensado assim em uma ecopedagogia crítica e responsável, levando em consideração a utopia de Freire, acreditando em processos educativos mais humanos.

REFERÊNCIAS

CAPRA, Fritjof. *et al.* STONE. Michael K.; BARLOW. Zenobia (orgs). *Alfabetização ecológica. A alfabetização das crianças para um mundo sustentável.* São Paulo: Cultrix, 2006.

_____, Fritjof. *et al.* Ecoalfabetização: preparando o terreno. *Learnig in the Real Word.* 2000. 96 p. Disponível em: <http://www.institutocarakura.org.br/arquivosSGC/DOWN_194733ecoalfabetizaco.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2015.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. *Educação ambiental: a formatação do sujeito ecológico.* 3. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança.* 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____, Paulo. *Educação como prática de liberdade.* 14. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

_____, Paulo. *Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.* São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. *A ecopedagogia como processo apropriada ao processo da Carta Terra.* Cuiabá: Revista de educação pública, 2003. Disponível em: <http://www.ufmt.br/revista/arquivo/rev21/moacir_gadotti.htm>. Acesso em: 4 maio 2015.

_____, Moacir. *A questão da educação formal/não-formal.* 2005. Disponível em: <http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf>. Acesso em: 9 mar. 2015.

_____, Moacir. *Ecopedagogia, Pedagogia da Terra, pedagogia da sustentabilidade, educação ambiental e educação para cidadania.* 2009. Disponível em: <http://acervo.paulofreire.org/xmlui/bitstream/handle/7891/3397/FPF_PTPF_01_0420.pdf>. Acesso em: 6 maio 2015.

_____, Moacir. *Perspectivas atuais da educação.* Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v14n2/9782.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2015.

GOHN, Maria da Glória. *Educação não formal e o educador social: atuação no desenvolvimento de projetos sociais.* São Paulo: Cortez, 2010.

GUEVARA, Arnold José; DIB, Vitória Catarina. Educação, consciência e sustentabilidade. In: GUEVARA, Arnold José. [et.al]. (Org). Educação para a era da sustentabilidade. São Paulo: Saint Paul, 2011. p. 21-36.

GUTIÉRREZ, Francisco; PRADO, Cruz. *Ecopedagogia e cidadania planetária.* São Paulo: Cortez, 2013.